

A DESCIDA AOS INFERNOS EM JOSÉ RÉGIO

Luiz Piva

A temática dos Infernos é dos traços mais características da poesia regiana. Revela-nos esta um constante movimento de descida ao interior do eu na expectativa de surpreender os segredos do mundo pessoal. Contínua e sempre renovada aventura, a descida aos Infernos manifesta o conflito existente no poeta, que anela conhecer, e o desconhecimento que tem do ilimitado subsolo da alma. O querer atingir-se, o querer chegar ao conhecimento do fundo de seu eu, é dos mais fortes desejos de Régio:

“E eu morro deste ardor, que nada acalma,
Com que aspiro debalde à minha própria alma”
(“Versos da Bela Adormecida”)

Já em *Poemas de Deus e do Diabo* surge nítida a tendência de José Régio para a auto-análise, para o esquadrihamento do mundo interior:

“Dentro de mim me quis eu ver. Tremia,
Dobrado em dois sobre o meu próprio poço. ” (1)
(“Narciso”)

A adjetivação e determinadas expressões de “Narciso” traduzem bem o caráter de enigma e subterrâneo de que se reveste a composição.

(1). — A respeito, lembramos as seguintes palavras de Eugênio Lisboa: “*Poemas de Deus e do Diabo*, livro impiedoso e revoltante, é o começo de uma longa e patética autobiografia que vai seguir-se; o resultado de muitas horas de antiga e precoce genial-solidão interrogativa de um agudíssimo espírito sobre si implacavelmente debruçado com amor, inquietação, escrúpulo, orgulho e, quantas vezes!, horror. De um espírito que infatigavelmente não cessará de a si mesmo interrogar; e também aos homens, a Deus; mas que desde logo nos aparece tão sedento de saber, como desesperadamente convencido de que a resposta não virá”. *José Régio. Nota Bio-bibliográfica, Exame Crítico e Bibliografia*, Porto Livraria Tavares Martins, 1957, p. 38.

Dobrar-se sobre o “próprio poço” é descer aos Infernos e é nesta descida que o poeta espera cumprir-se.

Bem cedo se manifesta em José Régio o pendor para a sondagem do mundo íntimo:

“E me estudo
(Eu já me estudo.)
E me estudo,
A mim”

(“Colegial”)

É o próprio autor quem nos aponta sua tendência para a observação da alma humana:

“ várias circunstâncias precocemente haviam desenvolvido em mim certa faculdade natural de encarar a vida interior do homem — os seus sentimentos contraditórios, as suas tendências diversas ou adversas, os seus combates entre o bem e o mal, os seus impulsos de afirmação individual em desacordo com o seu sonho duma pacífica vida familiar, social, colectiva, — talvez tenha sugerido por que me sentia dolorosamente *exposto* na exposição dos meus versos” (2)

Linhas depois acrescentaria: “Precocemente inclinado, pois, a ocupar-me das coisas da vida interior, muito naturalmente me debrucei sobre mim próprio; muito naturalmente comecei a falar de mim” (3) Cavar no mundo interior — não só de um ponto de vista estético —, mas também assumindo posições de tonalidade científica é, — nos dizeres do próprio Régio — uma característica de contínuo presente e ligada a sua estrutura psíquica. “Cavar e escavar no mundo, — fado, meus senhores!” A vontade de apreender a verdade de seu mundo pessoal está expressa em versos como estes:

“Desci, desci nas sombras e no frio,
No silêncio desci, desci mais fundo. . ;
“No muro circular e fugidio
Se espelhou meu suor de moribundo.
Que o poço era sem fundo, mas desci-o,
Desci-o até supor achar-lhe fundo”,

(“A Longa História”)

(2). — RÉGIO, J., “Introdução a uma Obra”, in *Poemas de Deus e do Diabo*, Lisboa, Portugália Editora, 6ª ed., 1965, p. 119.

(3). — *idem, ibidem*, p. 127.

em que a insistência no descer traduz bem a ânsia que domina o poeta, ânsia de captar o autêntico que estaria no mundo interior do indivíduo, um autêntico sempre em conflito com o circunstancial e o convencional da existência. É “descendo e transcendendo todos” que o poeta compõe seus poemas, sendo seu destino conquistar os mundos que nele há. Sonhou escrever um grande poema em que se desse inteiro, com toda sua abissal complexidade:

“lede nos silêncios dos meus pequeninos
poemas o grande Poema sempre sonhado
nunca dado”

(“A Corda Tensa”)

As grandezas íntimas tentará ele desvendá-las tanto quanto possível e a amiudá-las até onde puder, e sobre si mesmo dobrado procurará transpor o muro, pois além dele está a verdade. O muro, porém, ninguém o transpõe sem catábase.

Em José Régio, a catábase constitui o cerne de muitas de suas páginas, não raro ligada à noite, ao espelho, como elementos genetrizes, escatológicos. Observa-se ser freqüente a “descanso ad Inferos” durante a noite. É quando a solidão é maior e o sono teima em não vir, que o poeta concentra os olhos “sobre o umbigo”, e, — “alguém vem!” Trava-se então o combate: “E nós lutamos toda a noite” É a meio da noite morta que lhe fala “o diabo mais constante/ De quantos vêm vindo” Noite de estranha atmosfera, de luar amarelo, serve de palco para o surgir dos vultos de Cristo e do Diabo. A “chaga” se lhe abre e se faz sentir o eu secreto:

“Pela noite, esse Grito alevantou-se
Dos mais escusos longes do meu ser”

(“Vocação”)

Nem poderia ser de outro modo, pois, “A noite remexe todos os paús do ser, ergue todos os medos perante si próprios” (4) Em “Narciso”, o poeta está à espera da “noite estranha”, que lhe dê o gozo e a posse de si próprio. São as horas noturnas que o vêm assentar no papel as agonias diárias, que o contemplam a perscrutar as profundidades desconhecidas do ser:

“Gozava sonhos de oito como relâmpagos de sangue
E em que descia em mim até ao fundo”

(“O Diário”)

(4) — RÉGIO, J., *O Príncipe com Orelhas de Burro*, Lisboa, Inquérito, 4ª ed., s.d., p. 217.

Importante a presença do sonho, pois ele é o intermediário junto a essas profundidades ignoradas. Somente quando se tolda a luz do eu consciente chega até nós a luz do eu secreto. (5) É ainda de noite que o Anjo aparece e sagra o poeta:

“Sobre mim o meu Anjo se inclinava.
Entre a minha garganta e os peitos nus,
Os seus dedos rubro como brasas
Traçaram o sinal da cruz”

(“O Fértil Desespero”)

“A meio da noite” o Poeta Doido, delirando, caminha até o vitral, a sonhar que

“.. para lá
Daqueles doirados velhos,
Daqueles roxos mordidos,
Que morriam
Sobre o fundo espesso e negro”,

havia

“Qualquer coisa bem ao perto
Que o chamava de tão longe...:”

A luta entre Jacob e o Anjo decorre de noite. Subjugado o Rei, o cenário se inunda de luz, e atingida a libertação pelo total aniquilamento do homem velho, morre o Rei ao surgir da alvorada, o nascer de um novo dia, símbolo do homem novo.

Em José Régio parece haver uma consciência do estar-só-no-mundo, um estar angustiado. Essa consciência do estar-só-no-mundo transparece na reiterada utilização da figura do espelho, que funciona como uma retificação de sua posição existencial de poeta que sente a

(5). — A propósito, lembraríamos as palavras de Leo Talamonti: “Las dificultades que encontramos al individuar este nuestro *partner* secreto, y al reconocer sus posibilidades, derivan del hecho de que su luz no puede alcanzarnos más que cuando se ofusca la del yo consciente, punto de apoyo de la existencia diurna, y en los estados de sueño en general. El universo sensible nos absorbe, en efecto, demasiado, como para que podamos darnos cuenta, a menos que sea por casualidad y fugazmente, de aquella otra modalidad existencial que concierne a nuestro psiquismo secreto, y a la que coreesponde un universo de las más amplias posibilidades (y, por tanto, también más fundamentales)”. *Universo Prohibido*, Barcelona, Plaza & Janes, S.A., Editores, 2ª ed., 1971, p. 63. Tradução de Vicente Villacampa. Título original: *Universo Proibito*.

necessidade de projetar um “eu” deformado. A imagem do espelho põe a descoberto ainda mais a realidade:

“Em frente, no meu espelho,
Alguém me espreita,
Alguém me atrai, me repele.
Tem um sorriso de velho. ”;

“Lá nos abismos do espelho,
Aquele tal que me espia,
Me seduz e me repele,
Tem um tique de ironia
Na boca fria”

(“Nocturno”)

Em “Jogo de Espelhos” há todo um desmentido da duplicidade de ser do Poeta:

“De dândi, volto, pois, aos clubes e aos salões.
Visto a minha grandeza ante o furor deles e delas.
Sofro, superiormente, obscenidades e empurrões.
Sento-me, triste até à morte, a olhar os vidros das janelas.
Ora no espelho em frente, uma caricatura,
Um rosto cego, mudo, escanhado, empoado,
Garante-me que sou aquela compostura,
Esse sepulcro caiado.. ”

É pelo espelho que Leonel chega ao conhecimento de sua realidade física. “Vê-te!”, diz-lhe o Aio. E diante do cristal, esgarçado o turbante, empinam-se-lhe as orelhas, peludas, compridas.

“O sarcástico espelho lá estava em frente, a demonstrar-lhe a pavorosa certeza; e ante a grotesca autocaricatura, tudo se lhe representou ao vivo como real” O príncipe está de posse da verdade, e “antes de saber o que ao presente sabia não sabia nada, só agora os olhos se lhe começavam a abrir, toda a sua inteligência anterior fora antecipada e falsa, toda a sua ciência vã”

A descida “aos abismos do espelho” revela-nos a disposição constante de Régio para o autoconhecimento, para a dissolução das aparências, a queda da máscara, a preocupação de um cotidiano a desmistificar.

A queda é condição imprescindível para a salvação do homem, ocupando na literatura regiana um lugar de relevo. O Bobo de *Jacob e o Anjo* quer a queda completa do Rei, pois é no extremo do aniquilamento que a Verdade se revela:

“— No extremo da miséria, da humilhação, do desespero . . . , como no cúmulo da alegria! lá onde o homem sente que já não pode mais, como uma corda tensa ao máximo, e se não sente ainda satisfeito, como se a corda não dera ainda o som requerido . . . lá dá o salto!

É nesse extremo que tantas vezes *Ele* se revela . . . ”

A realidade, o quase estado de graça são magnificamente expressos em “Sarça Ardente” Depois de ter passado calafrios pelas grandezas da Natureza, volta-se o poeta para outra realidade:

“Na voz do mar só me ouço a mim, que choro;
Nos lamentos do vento, a mim me escuto”

“Sarça Ardente” traduz a passagem do eu particular, mesquinho e limitado, para o eu transcendente. O eu particular faz-se presente nos versos

“E em tudo, o que vi eu? Um homem!: eu;
Eu. . , — que alonguei meu metro e tal de altura
Às infinitas amplidões do céu
E ao ventre a arder da Madre Terra obscura;
Eu, cujo vulto exíguo recolheu
Toda a disformidade ou formosura,
E em tudo mais não viu do que um destino:
O desse seu tamanho pequenino!”

.....
“Eis-me. . , tal qual!: Estreito mais que estreito,
De mim próprio cadáver e ataúde,
Beijocando e esmurrando o próprio peito
De olhos em alvo e os dedos nos alaúde,
Devedor apregoando o seu direito
E os seus vícios entoando por virtude,
Bicho da terra, vil, e tão pequeno
Que nem sequer aprende a ser terreno. . . ”

Na faculdade de se *ver* limitado ao seu eu particular, como na vontade de ultrapassar tais limites exprime o poeta — no dizer do próprio José Régio — o advento do eu pessoal, primeira etapa para o eu trans-

cedente. Mas quando, como, onde, ter-se-ia erguido “Esta assim vera efígie do que eu era?” Não sabe o poeta dizê-lo, sabendo apenas que

“O Quer Que, Quem Quer Que me conhecia
Nos míseros limites do meu termo
Só com mos conhecer mos destruída,
Enchia de esperanças o meu ermo,
E por tal dom de ver-me pequenino
Me fazia maior do que o destino!”

A Libertação é acompanhada de uma grande euforia:

“Dançai!, ó estrelas, que seguis constantes
Vertigens matemáticas fixadas!
Delirai, e fugi por uns instantes
À trajetória a que ides algemadas!

.....
.....

Anjos!, abri-me os pórticos dos céus,
Que em minha noite é dia.. em mim é Deus”

O conhecimento do mundo pessoal, apesar de sua importância, parece constituir privilégio de poucos. Obra-prima do universo, surge o homem aos olhos de Deus como algo sem par, pois o criou à sua imagem e semelhança. De sua grandeza e valor tem o homem conhecimento desde as mais remotas eras. O que ele continua a ignorar, apesar dos esforços de muitos, é o admirável mundo que traz dentro de si. O homem, até o presente, não se deu conta do que é capaz de realizar não só no plano individual como no coletivo. De suas imensas possibilidades conhece apenas uma pequena parte. A causa disso residiria no fato de que reduzimos a vida espiritual ao mínimo, e à vida material concedemos o máximo de nossas atenções. Talvez também porque não nos damos conta dos fatos verdadeiramente importantes de nosso existir. Levado pela imperiosa necessidade de sobrevivência física, o homem, hoje mais do que nunca, vê-se impossibilitado de sondar seu íntimo, de contemplar-se, de ver-se.

Torna-se necessário regressar às nossas fontes primitivas, “nascido de novo” É preciso dizer um não ao mundo das aparências, exclamando com o poeta: “Não vosso, porque aspiro a reintegrar-me aos céus” A salvação do indivíduo e da sociedade só será possível quando cada um de nós for um novo homem:

“ venho salvar-te; vais tornar a nascer” (6); “Ai de quem nunca morre em vida, que está morto para sempre” (7)

Nascer de novo é morrer o “homem velho”, renunciar a tudo que tolhe o caminho da concretização espiritual, desvencilhar-nos da mesquinhez de uma existência de meras aparências, quase toda voltada ao que é efêmero. Surge daí o “homem novo” Entretanto, “É em cada um de nós que o homem novo tem de nascer! em cada um de nós que o mundo novo se há-de gerar” (8) Os caminhos da reforma interior são os caminhos do progresso: A reforma da sociedade só será possível quando cada um de nós for um novo homem.

Renascer é retornar às nossas possibilidades de criança. A verdade da infância que é preciso reencontrar. Há na poesia de José Régio a consciência da morte do menino, valores da infância que a vida se encarregou de destruir:

“E tenho medo, também,
Desses dois astros
Com que me persegues, Mãe!
Que eu matei esse menino
A quem deste de mamar,
Que teve um berço, e embalaste”

(“Nocturno”)

Mas, o menino é o que há de mais sublime, não podendo desaparecer, e se o matam neste mundo, sobrevive no outro:

“Lá longe, algures, noutra mundo, em outra idade,
Existe Aquele que já fui,
Vive o Menino que eu, aqui, morri”

(“O Fértil Desespero”)

O infantil é constante na literatura regiana. Para José Régio a infância é a idade que dá possibilidades para todos os caminhos. Nos pequenos está viva a melhor parte do ente humano. Esta, porém, com o correr do tempo, passa a dormir o mais profundo sono. O paraíso, contudo, não está totalmente perdido. Não estaria em nós mesmos? O paraíso é o desdobramento de todas as nossas possibilidades físicas e espirituais, a conquista da plenitude de nosso existir e a realização

(6). — RÉGIO, J., *A Salvação do Mundo*, Lisboa, Portugália Editora, 1970, p. 150.

(7). — *Idem, ibidem*, p. 150.

(8). — RÉGIO, J., *Os Avisos do Destino*, Lisboa, Portugália Editora, 1970, p. 408.

integral de nosso destino. A descida ao nosso íntimo revelar-nos-á muito do que se prende a nosso fado, coisas que não deixarão de contribuir para a construção de nosso novo mundo a vir a ser. Ao penetrarmos em nosso mundo pela reflexão ser-nos-á dado a conhecer o que possuímos de ser e de vida, o que somos e o que devemos fazer num universo de que dependemos, mas que depende igualmente de nós. Estamos longe de ter atingido plena expansão. (9) Esta, todavia, não pode deixar de efetuar-se porque o homem tende com todo seu ser para a realização de si como pessoa independente, para a realização da humanidade como comunidade. O próprio cosmos

“quer com toda a sua essência que o homem seja, que seja sempre mais homem” (10)

A vontade de ser o que é, de se desenvolver e de se realizar ressoa de contínuo do fundo do ser humano. Um aperfeiçoamento o mais completo possível é da essência de nosso próprio ser e da vontade divina. Há em nós uma sede de felicidade, um anseio à concretização, ao desdobramento total de nossas capacidades quase sem limite.

Depois de centrar-se sobre si mesmo é preciso que o homem se abra ao mundo exterior. O *homem só* é um absurdo. A plenitude existencial é alcançada através de permanentes contactos com outros seres.

“Só se realiza a própria pessoa pelo encontro: olhando a outra pessoa” (11)

(9) — A respeito, diz Raul Brandão: “Toda a vida está por explorar: só conhecemos da vida uma pequena parte — a mais insignificante.” *Húmus*, Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, 3ª ed., s.d., p. 247

Régio abraçaria a mesma tese: “A vida ainda está toda por explorar, não é verdade? O homem tem girado sempre sobre si próprio, como um pão, dentro do mesmo círculo” *Jogo da Cabra Cega*, Lisboa, Portugália Editora, 2ª ed., 1963, p. 95. Em *O Príncipe com Orelhas de Burro*, tornaria a lembrar: “O certo é sempre haver dito, redito, Rolão Rebolão, pelas mais variadas imagens e palavras, que a humanidade atravessa ainda uma fase primitiva da sua evolução; que, mau grado as conquistas do conhecimento ou os progressos da técnica, o homem continua ignorando, ou só mal presente, muitas das suas mais espantosas possibilidades; que os actuais limites da nossa inteligência, da nossa imaginação, dos nossos sentidos, — limites que parecemos querer manter contra as arrojadas tentativas de alguns loucos de gênio! — maravilhosamente se ampliarão no homem do futuro; que, neste, se conciliarão muitas das coisas que a nossa actual indolência ou curteza de espírito prefere supor inconciliáveis; como nele se desencadearão poderes ante os quais hoje fechamos os olhos, cegos obstinados e tímidos”. *obra cit.*, p. 62.

(10). — SMULDERS, Pieter, *A visão de Teilhard de Chardin*, Petrópolis, Editora Vozes, 3ª ed., 1965, p. 210.

(11) — Citado por Valfredo Tepe, in *O Sentido da Vida*, Salvador, Editora Mensageiro da Fé Ltda, 4ª ed., 1961, p. 230.

Régio tinha disso consciência.

“Impossível não veres,
Que para ser me é necessário ser-me
Por meio de tais seres
Que tê-los, nem que em sonho, é que se torne ter-me”
 (“O Grito”)

É preciso, outrossim, aceitar nosso semelhante tal qual é:

“ o que é preciso é salvar os homens tais como são, sendo o que são” (12)

Quem não aceita os semelhantes na realidade individual não se expande, dificilmente se comunicará. A intolerância isola. Leonilde não logra realizar seus intentos por amar apenas a perfeição e sua incapacidade de aceitar as limitações alheias a destrói:

“— Amo-vos porque sei que o sois. ”; (13)
“— Se vós fosseis imperfeito, — disse ela — não! não vos aceitaria; não vos amaria, porque não seríeis vós! É isto o que quereis ouvir? Pois é esta a verdade. Amo-vos porque sois o homem mais perfeito que encontrei; e porque não creio poder jamais encontrar outro semelhante...”

Outro é o comportamento de Letícia, e ao aceitar o príncipe Leonel nas suas grandezas e limitações, comunica-se, salva. Letícia serve porque sabe amar:

“— Não vos faço horror? — tornou ansiosamente — não vos faço rir?. Só vós podeis salvar-me!
— É agora que vos amo... — disse ela tornando-se mais pequena entre os seus braços vigorosos — Sou vossa quando me quiserdes... até à morte...”

Aceito nosso semelhante na sua realidade, com seus valores e limitações, torna-se ainda necessário que nos aceitemos como realmen-

Pertinentes também os dizeres de Joaquim C. Gonçalves: “Fundamentalmente, o homem não é um animal racional, mas, como todo o ser, é um processo de unificação, de irradiação de bondade e de desejo de sabedoria. Ele não encontra a luz apenas no reduto da sua interioridade ou num mundo de idéias. A luz está nos out os seres, que ele descobre quando se coloca em relação com eles, os quais iluminam o seu próprio ser” *Humanismo Medieval*, Braga, s.d., 1971, p. 201.

(12) — RÉGIO, J., *A Salvação do Mundo*, edição citada, p. 73.

te somos. Leonel só alcança a plenitude depois de reconhecer e assumir ativamente as limitações físicas de que era vítima:

“Vou mostrar-vos, a todos, que sou um monstro, para que me não aceiteis como vosso rei senão conhecendo a minha disformidade. Cartas na mesa!, e comece o novo mundo” (14)

Em ambiente de intensa expectativa principia Leonel a desenrolar a faixa que lhe servia de turbante, e à medida que se ia descobrindo,

“a testa do príncipe orvalhava-se de gotas ve melhas como rubis. gotas de sangue! Sua Alteza suava sangue”

Onde a monstruosidade que Leonel anunciara?

“Debalde a multidão expectadora julgava ver surgir qualquer coisa, fosse o que fosse!, de sob esse turbante que Sua Alteza despertara com mostras de tanta angústia: Sua Alteza tinha uma bela cabeleira ondeada e basta, castanha, malhada de revérberos de ouro; umas orelhas finas, nem grandes nem pequenas, graciosamente relacionadas com o desenho do crânio e da face; além duma fronte de gênio cujo talhe, amplidão e alvura marmórea só agora podiam ser bem admirados. De cabeça nua, o príncipe Leonel ainda era mais belo” (15)

Obtida a libertação pelo conhecimento do mundo pessoal, e aberto para o mundo exterior, pode o homem afirmar que viu Deus e entoar o canto de alegria:

“Meu Deus!,
Meu Pai!,
Obrigado
Por tudo quanto, por ti,
Sofri,
Sofro,
Sofrerei
Na besta que se rebela.
— A vida é bela!
E eu sou feliz!, porque Sei”

(13). — RÉGIO, J., *O Príncipe com Orelhas de Burro*, Lisboa, Inquérito, 4ª ed., s.d., p. 228.

“O que eu amo é o que é perfeito. o que é belo.. o que é luminoso! Não vos envergonhais de me obrigar a repetir-vos que vos amo porque vejo em vós esses dons?”, *idem, ibidem*, p. 248.

(14) — *Idem, ibidem*, p. 303.

(15). — *Idem, ibidem*, p. 305.